

Índice

Como fazer com que as crianças leiam na era digital	1
As crianças leem mais do que antes	4

Como fazer com que as crianças leiam na era digital

Embaixadora DigCit (Digital Citizenship Institute), presta assessoria em conteúdos e organização de eventos sobre educação digital. Mãe conectada, apaixonada pela sua família, por escrever, contar histórias e aprender. É como se auto-define a jornalista María Zabala, que após trabalhar vinte anos em temas de estratégias de comunicação e relações públicas, se lançou na formação digital de pais e filhos.

María Zabala tem um divertido blogue, "[iWomanish](#)", sobre família e tecnologia. Além disso, pertence ao [Club de Malas Madres](#).

"Dedico-me", explica, "a formar pais de família, educadores e estudantes para que usem a tecnologia de modo equilibrado. Ensino a harmonizar a vida familiar e a tecnologia, e a educar as crianças na era digital. Para isso, desenvolvo conteúdos, atividades e projetos destinados a aumentar a perceção sobre a cidadania digital ativa e a formação digital dos nossos filhos. Deste modo, tento que os pais reflitam sobre a utilização dos meios tecnológicos, e sobre a melhor maneira de formarem os seus filhos numa sã e alfabetizada vida, também digital".

— *Esta entrevista é sobre como educar para a leitura no mundo digital. A minha opinião é que convém fazê-lo como sempre, com livros impressos. Depois, mais tarde, as crianças, se o preferirem, poderão ler no ecrã. Ou continuar a fazê-lo em papel...*

— Concordo que, teoricamente, o ideal é ler em papel até o mais tarde possível, e o mais tarde possível passar a um ecrã. Ao mesmo tempo, penso que se afirmamos isso, estamos a reduzir a discussão a sim ou não, a preto e branco. Acho que é uma discussão proveitosa, mas não tenho a certeza de que contribua para ajudar a criar crianças leitoras. Tem de se diferenciar entre a leitura como processo de aprendizagem e como ferramenta para crescer e fazer parte da sociedade – no sentido de que temos de ser alfabetizados –, e a leitura como hábito de prazer.

Temos de diferenciar as duas coisas, que, segundo dizem os pedagogos, são muito diferentes. Os especialistas no crescimento das crianças dizem que até aos 7-8 anos *aprendem a ler*, e a partir dos 8 anos *leem para aprender*.

Ler para aprender

— *E quando já sabem ler, aprendem melhor em papel ou é igual?*

— Penso que não devemos restringir a leitura das crianças ao papel. O que não significa que não leiam em papel. Nesta segunda fase, a partir dos 8 anos, é responsabilidade dos adultos ter as ferramentas que ajudem as crianças a ler da maneira que for. Seja qual for o formato. Ou seja qual for o suporte.

As crianças já aprenderam a base técnica de ler. São crianças que não vão viver limitadas a um único formato, necessitam de uma *alfabetização múltipla*. Já não se trata de ler a seco, mas de aprender a interpretar em todos os formatos e supor-

tes que as rodeiam, ensiná-las a serem “alfabetizadas múltiplas”, pessoas capazes de ler, de criar, de interpretar, de rever conteúdo escrito em múltiplos formatos.

Uma criança com 9 anos hoje, quando tiver 19 não viverá num mundo como o nosso. Provavelmente haverá duas revistas em vez de duas mil, os jornais tão-pouco existirão como tais, haverá muitos livros em papel mas muitos mais em formato eletrónico, haverá ecrãs por todo o lado, os vídeos irão dominar, haverá aplicações de todo o tipo para gerir a sua vida.

Por exemplo, uma criança de dez anos, que está no quarto ano do ensino primário, um grau em que devem ter já um hábito de estudo, serem capazes de se sentar para estudar, que também integra a leitura. O professor ensina-as a sublinhar, ou a interpretar palavras que estão a negro no livro, mas ninguém as ensina a fazê-lo num ecrã. Quando já forem um pouco mais velhas e tiverem um projeto tecnológico na escola, quando tiverem um *tablet*, se ninguém as ensinar a sublinhar no ecrã, se não vão poder riscar sobre o ecrã como riscam sobre um papel, se para a aprendizagem apenas as ensinarmos a relacionarem-se com o papel, vão permanecer limitadas. Isto porque, quando crescerem, vão ter acesso a uma imensa quantidade de conteúdo no ecrã. Quando já leem, temos que deixar de nos centrar onde leem, mas como leem, tanto faz onde. Nesta linha, uma ideia positiva é o projeto “Leemos”. É um exemplo, em que a Fundación José Manuel Lara e a Fundación Telefónica arrancaram com esse projeto “[Leemos](#)”, o qual propõe às escolas a criação de uma biblioteca virtual a que possam ter acesso os seus alunos.

O exemplo? É relativo

— *O gosto de ler herda-se? Será decisivo o exemplo dos pais?*

— Tenho três filhos, sou a mesma mãe, vão para a mesma escola; leio muito, uns imitam-me, outros não, ou seja, o exemplo é relativo: a criança é seletiva naquilo que imita. Uma lê muito; outra, sem ler muito, lê muito bem; e a outra, sem ler muito, e sem ler muito bem, todavia é a que tem melhor compreensão de leitura, a que mais retém o que lê. Não é apenas o suporte – ecrã ou papel –, não é só se o livro é bom ou não: é a criança.

— *Não é um problema de idade...*

— Por vezes, o problema é como chegamos aos pais. Se dizemos ao pai: o seu filho tem de ler, e o seu filho não é muito amigo da leitura, e o pai não tem muito tempo, estamos a criar um círculo vicioso que não vai a lado nenhum: a criança não irá ler, e o pai não fará muito. Chegamos às famílias com uma ponta de preconceito, que às famílias não as ajuda exatamente a avançar. “Não, a realidade é que as crianças têm de ler em papel”. “A mim, com o meu filho mais velho, é-

-me indiferente que leia no Kindle, no *tablet* ou em qualquer suporte: o que quero é que leia. E, ao fim e ao cabo, o modo de conseguir que leia foi procurar textos que pelo seu conteúdo o atraem.

— *Por exemplo?*

— Gosta muito de textos de personagens que aprecia, ou histórias sobre as quais fica satisfeito em procurar informação na Internet, ou na Wikipédia.

— *Que personagens aprecia?*

— Por exemplo, Steve Jobs.

— *Mas, quantos anos tem?*

— Doze.

— *E já lhe interessa Steve Jobs?*

— Fica atraído por pessoas que inventaram, os inventores. Mas se lhe ofereço um livro com a vida de Isaac Newton contada para crianças, diz-me: “mãe, não me interessa!” E, no entanto, se ele fizer o exercício de ir à Wikipédia, a procurar informações, então lembra-se de fazer um PowerPoint e recorre ao texto, e vai contar-nos a história de Isaac Newton. A criança está a aprender, embora não pense que venha a conseguir que o meu filho seja um grande leitor de livros, e de livros em papel. O que quero é que o meu filho seja capaz de ler algo, de o interpretar, o avaliar, o entender. E se puder copiar o exemplo de Isaac Newton, ainda melhor.

Ler acompanhada

— *E antes, quando a criança está a aprender, que meios existem para fazê-la ler?*

— Um é a leitura dialógica, na qual estamos a ler um conto com uma criança, assumimos a voz de uma personagem, e dizemos-lhe: “olha para o que vai acontecer, olha para o desenho... ai, meu Deus, estou muito preocupada com o polegarzinho”; uma leitura na qual se envolve a criança. Está comprovado que a criança retém a história e vivencia-a mais quando se depara com uma leitura dialógica do que quando lê num ecrã. A criança está a exercitar mais as capacidades de que necessita para aprender a ler. E o envolvimento é maior quando o livro é em papel.

Isto quando está a aprender a ler. Não significa que o epicentro seja o livro clássico em papel, porque os livros em papel para crianças não são apenas letras, sempre incluíram desenhos. Quando são mais velhas, necessitam de uma série de capacidades de alfabetização múltipla, e quando são ainda pequenas, precisam de companhia na leitura; tanto faz o ecrã,

o importante é que o suporte seja físico, o que não impede que possa ser complementado com conteúdos que incitem à leitura num ambiente de jogo didático. Há motores de busca na Internet específicos para crianças e que conduzem a páginas que são como armazéns onde existe todo o tipo de conteúdos interativos.

O elemento chave é o adulto. Mas de nada me serve pedir ao pai, ou à mãe, para que leiam com o seu filho. Porque isso pode levar a que a pessoa pense que está a fazer as coisas mal. E aquilo que se tem de pensar é: vamos ver como é que se pode fazê-lo melhor. Penso que pode haver um equilíbrio, quando se está perante uma criança muito novinha: um dia lê-se-lhe um conto, noutro dia lê ela em voz alta, e noutro dia ainda, ela fica meia hora a brincar no *tablet* com uma aplicação que procurámos para lhe proporcionar, na qual vá praticando a juntar letras, a fazer frases, a dar um nome por escrito a um desenho. Tiveram sempre muito sucesso os livros em papel que trazem pictogramas: a criança precisa de entender que o desenho de uma *laranja* é a palavra laranja; aprender a juntar adjetivos com o substantivo correspondente. Existe um universo enorme e muito positivo de aplicações extremamente bem desenvolvidas que possam favorecer a aprendizagem da criança.

Mas segue-se o tema do tempo. Não é possível manter parada uma criança durante hora e meia diante de uma aplicação apenas por ser uma aplicação de letras, para aprender a ler, porque a criança tem uma capacidade de atenção limitada.

Crianças com pouca empatia

— *Se uma aplicação para aprender a ler pode ser tão útil, será porque às crianças lhes é natural utilizar um ecrã, pelo menos as de agora, que são "nativas digitais"...*

— Não partilho esse termo, cunhado por Mark Prensky em 2001 para designar as que nasceram numa época conectada, e levou a concluir que as crianças já sabem tudo isso. Mas as crianças não sabem relacionar-se com os ecrãs. Mark Prensky disse também que tinha acabado o tempo de processar a informação em livros, que havia começado o tempo de processar a informação através do vídeo, que já estávamos perante gerações totalmente visuais. Neste aspeto, não estou totalmente de acordo, mas não se equivoca de forma total.

É muito típico ouvir dizer aos que se dedicam ao *marketing*, que as pessoas não têm tempo para ler, que querem que lhes seja contado algo rápido, curtinho e, se possível, visualmente. Mas ao vídeo falta-lhe o contexto. E o que também está demonstrado é que a leitura é o meio de aprendizagem que mais impulsiona a empatia. Observa-se um filme e não temos de imaginar nada. Pelo contrário, na leitura está presente o contexto. Quando a criança lê, tem de imaginar aquilo que acompanha as letras que está a ver. Já sabe ler, sabe juntar uma palavra a outra, entende a frase, pelo conteúdo entende que a

história parte de uma rapariga que vai descobrir um crime, e o contexto que os adultos ajudaram a criança a criar, permite-lhe entender que a rapariga está assustada, que isto não lhe aconteceu anteriormente, que se estivesse na mesma situação estaria morta de medo. E as nossas crianças são menos empáticas do que nunca.

O YouTube não é o diabo

— *Como dosear o uso dos ecrãs?*

— Até ao ano passado, os pediatras norte-americanos diziam: até aos cinco anos, nada de ecrãs. Agora já começam a flexibilizar. Até aos dois anos, por exemplo, que o tempo de ecrã se limite a fazer Skype com a avó, se a avó viver fora. A partir dos dois anos, e até aos cinco, dizem que lhes podemos dar um tempo de ecrã que tenha a ver com aprendizagem, algo lúdico e interativo, e extremamente controlado no tempo: eu diria que meia hora. Embora na minha casa, durante a semana, não haja lugar a ecrãs. Existem normas: durante a semana, nem vídeo jogos, nem *tablet*, nem televisão. E o espaço televisivo, comigo, por exemplo, depois de jantar, a ver trechos de filmes, ou vídeos de programas de que gostamos, filmes antigos...

Nas oficinas com os pais, pergunto-lhes: que veem as crianças no YouTube? Pois, a série "Peppa Pig", os desenhos que apreciam. Até aos oito anos, segundo um estudo da Universidad Autónoma de Barcelona e da Autónoma de Madrid, os seus costumes tecnológicos têm que ver com as suas paixões. Não veem coisas raras. Se gostam dos *legos*, procuram coisas de *legos*; se gostam da "Barbie", procuram coisas da "Barbie". Ou livros de "Barbies".

Digo aos pais: descarreguem a *app* de "*kids.youtube*", a versão para crianças onde não há vídeos raros, e já terão menos probabilidades de encontrarem qualquer coisa que não é o que querem. Além disso, há outra coisa. Se o meu filho fica três horas com o Lego, aos especialistas não lhes parece mal. E ninguém me diz que, se está três horas a brincar com o Lego, não faz desporto. Pelo contrário, se estivesse três horas no YouTube, dir-me-iam que o YouTube é o diabo. Pois não é verdade.

Formar cidadãos digitais

Por isso, perante tanto ecrã, e mais que vão chegar, e ainda que o formato dominante seja o vídeo, temos de deixar de discutir se as crianças têm que ler em papel ou no ecrã, e desenvolver ferramentas para que leiam, e se lhes proporcionarmos um contexto, terem capacidade de contextualizar aquilo que lerem. Este contexto tem como elementos: um, a companhia ativa do adulto quando a criança é muito pequena; dois, a prática: que leiam, seja qual for o modo. Se for a Wiki-

pédia, pois que seja a Wikipédia, se o que forem obter for o contexto. E terceiro, multiformato: que lhes ensinemos a ler mais, e de forma variada, repartindo o seu tempo entre todas as opções de formato que houver. Que a criança saiba utilizar um livro, e saiba utilizar um ecrã, e saiba utilizar um computador.

Que consigamos ler com ela um ou dois dias por semana. Que alguém lhe leia noutros dois dias, e vamos procurar aplicações realmente úteis para que a criança continue a desenvolver os seus hábitos de leitura noutros dois dias... A verdade é que se temos pais que se sentem culpados, temos pais que não fazem nada. E aquilo de que necessitamos é que se altere a tendência, não que se deixe a criança diante do iPad a ver não sabemos o quê, mas a fazer algo útil. Passar de educar consumidores passivos dos ecrãs, que é o que temos hoje numa elevada percentagem de crianças e adolescentes, para cidadãos digitais, que façam coisas com a tecnologia.

M. C.

As crianças leem mais do que antes

Os ecrãs podem ser aliados da leitura para as crianças, mas também podem prejudicá-las na sua capacidade de atenção, explica María Zabala.

À frente dos adultos. “Segundo um estudo da Gallup, nos finais dos anos 40 do século passado, 21 % dos jovens liam, enquanto, em 2005, faziam-no 47 %. Também o Pew Research Internet Project, num estudo de 2014, comprovou que os jovens leem mais hoje do que antigamente. E mais do que os adultos. Embora pareça o contrário, agora lê-se mais do que nos anos 40. Ora, um estudo da Fundação Kaiser sobre os hábitos de leitura dos rapazes entre os 8 e os 18 anos, revela que se reduziu a leitura impressa, mas quando se vai ver os pormenores dessa informação, verifica-se que desceu brutalmente a leitura de revistas – antes, nos anos 80, liam-se muitas revistas, tipo “Superpop”, e revistas juvenis. Agora, as crianças leem livros, não revistas”.

Em papel ou no ecrã, compreendem igualmente. “Segundo a “Children Mobile”, que estudou a relação das crianças com os ecrãs, aquilo que as crianças menos fazem com os ecrãs é ler. Jogam. E quando se lhes pergunta, dizem que para ler ou estudar preferem o papel. Yalda T. Uhls, uma psicóloga e especialista em meios de comunicação, diz que se dermos a ler um texto a um grupo de jovens e a seguir lhes pedirmos um comentário, não se constata diferenças de compreensão

entre as crianças que o leram num *tablet* e as crianças que o leram em papel”.

Os três cês. “Há três elementos fundamentais: o conteúdo, o contexto e a própria criança. Em inglês, designam-se pelos “três C”: *content*, *context*, *child*. Quando alguém lê, tem de entender o que está a ler, o conteúdo, a imagem visual vai-se formando. Existe um contexto. E depois existe a criança, porque nem todas as crianças leem do mesmo modo, nem todas interiorizam aquilo que estão a ler, nem todas têm a mesma capacidade para exercer a sua atenção voluntária. Vivemos num mundo onde a nossa atenção involuntária está super excitada, porque os ecrãs são monopolizadores de atenção involuntária, olhamos e não é preciso que façamos mais nada, dão-nos tudo feito, somos consumidores passivos. Temos de ensinar as crianças a exercer a sua atenção voluntária, em que precisam pensar. Ler é uma maneira de exercitar a atenção voluntária”.

Não há uma maneira única. “Não digo como criar crianças leitoras, porque sinceramente penso não existir uma maneira única. Nem com o exemplo acho que seja suficiente. Considero que se tem de transcender o debate leitura em papel *versus* leitura no ecrã e centrar-nos em criar crianças leitoras multiformato. Os meus filhos vão ler no ecrã, queira eu ou não. Gostaria que lessem muito em papel, e que a sua relação com os ecrãs fosse muito saudável, mas o desejo não basta. O problema é que os pais e os educadores não têm atualmente as ferramentas suficientes. Visto que conseguir as ferramentas é difícil, penso que temos de abandonar os preconceitos e passar a um discurso mais aberto ou mais realista: é melhor que leiam do que não o fazerem, é melhor que leiam bem do que lerem mal, lermos com a criança vai ajudá-la a pôr em contexto aquilo que lê, e isto é muito importante”.

M. C.